

Editorial

Volume 20/2020

O ano de 2020 começou com diversas expectativas para todos e todas nós que trabalhamos com editoração de Revista Científica, por se constituir o último ano de quadriênio da avaliação Capes desses periódicos e fechamento de um ciclo de muita dedicação e busca por qualificação da Revista UFG.

Mas, com tanta animação advinda da avaliação de meio termo da Capes das Revistas (2017-2018), nos deparamos com a pandemia COVID-19, que trouxe diversas mudanças nas nossas relações e forma de trabalho, carecendo adaptação e reencontros. Com certeza, frente a tantas incertezas, tivemos dificuldades e desafios que nos acompanharam ao longo de 2020, dentre eles um vácuo inicial de submissões seguido da avalanche delas, demandando de nós envolvimento, dedicação e cuidados redobrados nas nossas avaliações e encaminhamentos.

Mantivemos a Revista em fluxo contínuo (iniciada em 2019) e distribuimos as publicações nas sessões: fluxo contínuo, Dossiê Experiências de enriquecimento mútuo: desde e com a comunidade surda; Dossiê O Discurso anti-ciência nas redes sociais na internet; Dossiê Enfrentamento da pandemia COVID-19 e as Ações de Extensão e Cultura; Ensaio Visual e Resenha. Os Dossiês contribuíram fundamentalmente para o perfil interdisciplinar da Revista e para mostrar, mais uma vez, o aspecto amplo e fundamental que tem a Extensão no contexto das Universidades brasileiras. A colaboração de nosso corpo de pareceristas, que foi ampliado em 2020, também foi essencial para o sucesso do trabalho. A disponibilidade de contato, diálogo e troca de conhecimentos sobre as diversas temáticas abordadas pelo periódico trouxeram grande riqueza para nossas publicações.

Não podemos negar que durante a pandemia Covid-19 a Extensão e Cultura ganharam papel de centralidade na continuidade das atividades das universidades públicas que tiveram a opção de suspender calendário ou utilizar meios digitais para a continuidade das atividades frente ao isolamento social necessário (proporcionado pela Portaria MEC no. 343, de 17 de março de 2020) e atividades em home office. Assim, a Revista UFG foi bastante divulgada e procurada em 2020 com trabalhos de pesquisadores de vínculos nacionais e internacionais (o que ampliamos muito esse ano) e que contribuiriam enormemente com a difusão de conhecimentos desenvolvidos por essas frentes da tríade ensino-pesquisa-extensão.

Ao considerar os trabalhos publicados em fluxo contínuo temos alguns que tratam de estudos teóricos e dos que tratam de extensão universitária e cultura. Entre os temas mais trabalhados temos:



Figura 1: Nuvem das palavras mais utilizadas nos títulos dos trabalhos publicados
Fonte: Elaborado pelas Editoras e Diretora-Geral

Assim, esperamos continuar contribuindo para o fortalecimento da Extensão Universitária e Cultura na perspectiva do que preconiza a Resolução CNE No. 7, de 18 de dezembro de 2018, que vê a Extensão na Educação Superior como uma atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa promovendo

do interação transformadora entre as instituições e outros setores da comunidade, de forma dialógica e em articulação com ensino e pesquisa (Art. 3º), propósitos desta Revista, ou seja, da Revista UFG.

Esperamos que apreciem esse volume e que ele possa contribuir cada vez mais para a implementação desta Resolução! Em seguida, temos as apresentações dos Dossiês desse volume, já agradecendo aos seus organizadores.

Daniela da Costa Britto Pereira Lima – Editora Chefe

Jéssica Traguette Silva – Editora Associada

Flávia Magalhães Freire – Editora Gerente

Lucilene Maria de Sousa – Diretora Geral

Dossiê Enfrentamento da pandemia COVID-19 e as Ações de Extensão e Cultura

Daniela da Costa Britto Pereira Lima¹

Jéssica Traguette Silva²

Lucilene Maria de Sousa³

O Ministro da Educação, em decorrência da pandemia Covid-19, publicou a Portaria MEC N° 343, de 17 de março de 2020 (<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>) dispondo sobre a substituição de aulas presenciais por aulas em meios digitais, a qual autorizou por até 30 dias, prorrogando continuamente por meio de outras Portarias durante o ano de 2020.

Sobre a primeira Portaria (que foi sendo atualizada durante o ano), é importante destacar que para lidar com a suspensão de aulas realizadas no país, o MEC ofereceu duas possibilidades: (i) suspender as aulas e repor cumprindo dias letivos e horas-aulas ou (ii) autoriza a substituição das aulas presenciais por digitais em todos os cursos de educação superior, exceto nos cursos de Medicina, nas práticas de estágio e laboratórios desse e dos demais cursos.

A primeira reação da maioria das universidades públicas foi realizar a suspensão e gradativamente foi autorizando a realização de algumas atividades, dentre elas a Extensão e Cultura com os meios digitais destacados pela Portaria do MEC. Com isso, a Extensão e Cultura ganharam visibilidade e possibilidades de manutenção da interação entre a comunidade universitária (professores,

1 - Editora Chefe da Revista UFG. Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação FE/UFG. Líder do Grupo GEaD/UFG/CNPq.

2 - Editora Associada da Revista UFG. Administradora. Professora Adjunta da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas (FACE-UFG). jessicatraguetto@ufg.br

3 - Pró-Reitora de Extensão e Cultura da UFG. Diretora geral da Revista UFG. Docente da curso de Nutrição-UFG e do Programa de Pós-graduação Ensino na Saúde FM-UFG

técnicos e estudantes) e a comunidade externa, desenvolvendo seus projetos que estavam em andamento e novos projetos, com destaque para *lives*, programas via TV, rádio e Youtube, além das demais ferramentas tecnológicas disponibilizadas pelas universidades.

Assim, partindo da constatação de uma doença que se alastrou de modo nunca antes visto, que afetou diferentes pessoas de diferentes maneiras, alguns com maior intensidade de sintomas físicos, outros com consequências psicológicas que serão carregadas por toda vida, consideramos que ninguém sairá ileso dessa pandemia, porém sabemos que de alguma forma teríamos que enfrentá-la.

Nesse sentido, o dossiê “Enfrentamento da Pandemia COVID-19 e as Ações de Extensão e Cultura” buscou contribuir para esse processo evidenciando como a Extensão e a Cultura agiram nesse período que marcou a história mundial em que todos os países e cada um de seus cidadãos viram suas vidas, suas rotinas, seus trabalhos serem transformados por um vírus.

Sabemos que muitos desafios foram impostos, dentre eles a falta de equipamentos que pudessem utilizar as ferramentas necessárias em forma de distanciamento, a falta de internet de banda larga com capacidade de acesso e utilização dessas mesmas ferramentas e a manutenção da interação e diálogo nas Ações desenvolvidas. Porém, a comunidade universitária se mostrou guerreira e aguerrida nas possibilidades e desenvolveu diversas ações que contribuíram para a atuação e desenvolvimento da nossa sociedade nesse período, além da contribuição para o bem estar físico e mental das pessoas.

Os trabalhos publicados versam sobre estudos teóricos que abarcam a realidade atual de isolamento e educação em perspectiva teórica, assim como diversas ações de Extensão e Cultura que foram desenvolvidas nesse período, com seus enfrentamen-

tos e possibilidades, contribuindo para o prosseguimento de nosso compromisso social e com o meio acadêmico e a comunidade. Esperamos que gostem e apreciem os diversos trabalhos que muito engrandecem a extensão e cultura em tempos adversos.

Editorial

Dossiê Experiências de enriquecimento mútuo: desde e com a comunidade surda

Juliana Guimarães Faria⁴

Dolors Rodriguez-Martín⁵

Neuma Chaveiro⁶

6

O Dossiê *Experiências de enriquecimento mútuo: desde e com a comunidade surda*, publicado neste ano de 2020, é um documento comemorativo e, de certa forma, de coroamento de trabalhos desenvolvidos nos últimos anos no que se refere à comunidade surda e das línguas de sinais dentro da Universidade Federal de Goiás. O lançamento da chamada de artigos para este volume ocorreu em 2019, ano comemorativo para a Universidade Federal de Goiás, pois foi quando se completaram dez anos da oferta do primeiro curso presencial do Brasil para formação de professores de língua brasileira de sinais (Libras), o curso de Licenciatura em Letras: Libras (iniciado em 2009). Também, é o ano de comemoração de cinco anos de oferta do curso de formação de tradutores e intérpretes de Libras, o curso de Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português. Ambos ofertados pela Faculdade de Letras.

Durante esses anos na UFG, foram estruturadas parcerias com diferentes instituições e pesquisadores, inclusive com a Uni-

4 - Professora da Universidade Federal de Goiás, na Faculdade de Letras - Goiânia/Goiás/Brasil.

5 - Professora da Universidade de Barcelona, na Faculdade de Medicina e Ciências da Saúde - Barcelona/Catalunha/Espanha.

6 - Professora da Universidade Federal de Goiás, na Faculdade de Letras - Goiânia/Goiás/Brasil.

versidade de Barcelona; aqui neste dossiê representada pela professora Dra. Dolors Rodriguez-Martín, que é umas das organizadoras juntamente com as professoras da Faculdade de Letras da UFG, Dra. Neuma Chaveiro e Dra. Juliana Guimarães Faria.

Apresentamos, então, uma coletânea de artigos em comemoração da oferta desses cursos pela UFG e que tem como eixo identitário a tríade extensão universitária - língua de sinais - comunidade surda. Tanto na academia, quanto nas práticas sociais, as línguas de sinais ganharam reconhecimento em diversos países, sobretudo após os anos de 1960 com as pesquisas de William Stoke. Esse reconhecimento proporcionou aos surdos uma maior participação nas mais diversas instâncias, com um percentual cada vez maior de protagonismo e autonomia, como uma comunidade que possui sua própria língua e cultura.

É notório nas práticas sociais e na academia que os surdos vivenciam uma mudança na forma como tem sido abordados, sendo vistos cada vez mais com uma perspectiva sociocultural, em detrimento do foco na deficiência. Porém, apesar dos instrumentos legais dos mais diversos países alcançarem o reconhecimento linguístico dos surdos, e outros direitos serem garantidos em lei (acessibilidade comunicacional, disponibilização de tradutores e intérpretes e educação bilíngue), os surdos ainda enfrentam barreiras sociais, educacionais, políticas e culturais. As políticas linguísticas em diversos países, de certa forma, têm contribuído para a superação de algumas dessas barreiras, sobretudo porque valoriza a língua de sinais e possibilita a sua disseminação perante a sociedade. Dessa forma, um dossiê como esse, vem para reforçar a valorização da língua de sinais e da comunidade surda.

Em clima de comemoração na UFG, trazemos artigos selecionados que refletem, relatam e problematizam as práticas de transferência de conhecimento e atividades extensionistas desenvolvi-

das com pessoas surdas e com a língua de sinais no Brasil e em outros países. São artigos que tratam de diferentes dimensões: educacional, linguística, histórica, cinematográfica, política, cultural, de saúde, de tradutologia, e de acessibilidade, como podem ser visto a seguir.

O Dossiê

O volume temático v. 20 da Revista UFG traz 13 (treze) artigos, os quais se dividem em reflexões teóricas e de caráter extensionista. O artigo *Revisão sistemática da disciplina de libras nos cursos de licenciatura no Brasil* traz um estudo bibliográfico com o objetivo de identificar pesquisas e publicações sobre a oferta de disciplina de Libras em cursos superiores no Brasil. É um estudo que pode contribuir com a área, visto que permite ao leitor uma visualização de um panorama da oferta desta disciplina no país, algo que iniciou no ano de 2005 e já completa quinze anos de prática.

Já o manuscrito *Um, dois ou mais intérpretes em sala de aula?* é um artigo bibliográfico com um caráter informativo e reflexivo sobre a organização e a dinâmica do trabalho realizado por profissionais tradutores e intérpretes de língua de sinais e está baseado em referências internacionais. A sua leitura permite, por parte do leitor, uma reflexão e comparação com as concepções, práticas e contextos brasileiros.

Um outro artigo de caráter bibliográfico é intitulado *Inclusão dos surdos no Brasil: do oralismo ao bilinguismo* o qual permite ao leitor identificar a evolução dos conceitos importantes para a educação de surdos ao longo da história, como o oralismo, inclusão e bilinguismo, tudo dentro do contexto brasileiro de educação.

Já o manuscrito *Uma proposta de ensino para alunos surdos à luz da semiótica social* se baseia em um estudo bibliográfico, mas com um caráter mais propositivo. Isto porque o texto permite ao

leitor encontrar explicações conceituais sobre multimodalidade e, também, traz uma proposta e exemplo de ensino de português para surdos.

O artigo *A nucleação como política de atendimento de estudantes surdos* traz o relato de uma ação articulada entre universidade e a rede de ensino pública, no município de Lavras/Minas Gerais, relacionadas à educação de surdos. Um outro artigo, que também traz o relato e análise de atividades em outra rede de ensino é o manuscrito *Atendimento educacional especializado sob a perspectiva do CAS/Goiânia: parâmetros para a escola regular*, o qual convida os leitores a conhecerem o importante trabalho desenvolvido em Goiás, pelo CAS - Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez.

Um outro artigo, que se refere ao campo educativo, trazendo, neste caso, o contexto da Espanha e Argentina, é *La lectura en la educación del sordo en España y Argentina*. Neste artigo, se analisam as políticas educativas vinculadas com as práticas de leitura no contexto dos dois países e focam os fatores que condicionam os níveis de leitura funcional de alunado surdo, a partir do vocabulário, morfossintaxe e da consciência fonológica.

O artigo *Formação de professores de Libras (L2): uma experiência de extensão universitária* relata um projeto de extensão voltado para a formação de professores de Libras, tanto surdos quanto ouvintes. É um texto que permite ao leitor visualizar ações de melhoria da profissionalização docente e a valorização da língua de sinais.

Já o artigo *E o seu nome é Jonas - recursos visuais e textuais/verbais como crítica ao discurso oralista na educação de surdos* traz uma análise sobre o filme 'E o seu nome é Jonas' (1979), um filme dirigido por Richard Dick Michaels. O manuscrito faz a crítica ao oralismo; exemplifica com cenas do longa-metragem o que a au-

sência da língua de sinais, como meio de comunicação do surdo, pode provocar negativamente na vida do surdo, ressaltando a importante função da língua de sinais em diferentes aspectos.

Outros artigos apresentados ao dossiê têm como tema comum o campo da saúde e sua relação com a comunidade surda, sobre diferentes enfoques. Um exemplo é o artigo *O agir militante em um projeto de extensão com a comunidade surda*, no qual apresenta uma experiência autobiográfica de uma docente-investigadora no qual mostra a realidade das barreiras que as pessoas surdas vivem diariamente e, em especial, nas suas interações com os serviços de saúde. O artigo traz o relato de um projeto de extensão que articula comunidade e universidade, com o agir militante.

Da mesma forma, o artigo *Promoción de la salud en personas sordas mayores de la Comunidad Sorda* mostra a relação estreita e colaborativa entre a universidade e a comunidade surda, a partir de um projeto de promoção de saúde de pessoas surdas idosas. Trata-se de um projeto conduzido por alunas do curso de Enfermagem, em seus trabalhos de conclusão de curso na modalidade de Aprendizagem e Serviço, na Universidade de Barcelona. Neste projeto, realizaram intervenção na perspectiva de Educação para a Saúde com o objetivo de promover um envelhecimento saudável de pessoas idosas da comunidade surda.

Nesses artigos mencionados, põem em evidência como a colaboração com a comunidade surda é importante para os estudantes universitários em formação, com uma experiência enriquecedora, visto que os possibilita ter contato com uma língua e cultura diferentes, assim como os fez vivenciar e entender as dificuldades que as pessoas surdas enfrentam no seu cotidiano.

Citamos, nesse mesmo contexto, um outro artigo que trata do tema da saúde: *Deaf Mental Health: enhancing literacy through a hearing and Deaf Community collaboration*. O referido manuscrito

to mostra os resultados de um estudo derivado de uma tese de doutorado sobre a experiência e as narrativas de pessoas surdas adultas com transtorno depressivo de idosos. A partir destas narrativas se evidenciaram as lacunas de compreensão sobre a saúde mental e os transtornos mentais, com o objetivo de apontar melhorias na alfabetização em saúde mental da comunidade surda. Este apontamento marca um ponto de partida para impulsionar o desenvolvimento de um Comitê de Saúde Mental para Surdos como um exemplo de êxito existente na colaboração entre a sociedade de ouvintes e a comunidade surda.

Todos esses artigos descritos e que compõem o dossiê *Experiências de enriquecimento mútuo: desde e com a comunidade surda* valorizam a língua de sinais e enfatizam que a colaboração mútua entre universidade e comunidade surda é um caminho enriquecedor, que não só contribui com essa valorização, mas, permite abrir perspectivas de formação universitária ampla, que considere a língua e cultura da comunidade surda.

Nós, organizadoras do dossiê, agradecemos à Editoria da Revista UFG, por serem sensíveis a esse tema e por apoiar essa publicação. Da mesma forma, agradecemos a todos os autores que submeteram seus manuscritos para avaliação.

Assim, parabenizamos a Faculdade de Letras da UFG, aos seus professores, técnicos e alunos, pelos dez anos do curso de Letras: Libras e pelos cinco anos do curso de Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português. Recebam de nós, e de todos os autores dos artigos aqui publicados, o nosso presente, que é esse dossiê. A você leitor, desejamos que as reflexões aqui publicadas enriqueçam os *insights* e ideias para novas ações de extensão entre universidade e comunidade surda. Uma boa leitura a todos!

Editorial

Dossiê O Discurso anti-ciência nas redes sociais na internet

A perplexidade frente ao fenômeno da desinformação e das *fake news* nas redes sociais na Internet em relação à Ciência

Ricardo Barbosa de Lima
Pablo Fabião Lisboa

A motivação para a elaboração deste dossiê partiu de uma profunda perplexidade experimentada no decorrer dos inconcebíveis ataques às Universidades Públicas Federais nos últimos anos. Nos parece que essa tal “perplexidade” possa ser a principal figuração do campo da ciência frente aos ataques advindos, dentre outras mídias, das redes sociais na internet, por meio de notícias falsas (*fake news*) e outras estratégias de deslegitimação dos quadros universitários e de suas pesquisas. Contudo, a escolha da palavra “perplexidade” para ocupar lugar de destaque em nossa apresentação decorreu de descrição feita por João Moreira Salles sobre o cenário atual. Explicamos: entre 8 e 16 de junho de 2020, a Universidade Federal de Goiás promoveu o simpósio “Ciência, arte e educação em tempos de pandemia”, congregando as seis Instituições Públicas de Ensino Superior do Estado de Goiás (UFG, UEG, IFG, IFGoiano, UFCat e UFJ). Para figurar entre os painelistas, fora convidado João Moreira Salles, banqueiro, empresário e produtor de cinema que em 2006 criou a revista Piauí e, em 2017, doou, juntamente com sua esposa Branca Moreira Salles, R\$ 350 milhões para o Serrapilheira, primeiro instituto privado dedicado

ao fomento de pesquisa e divulgação científica no Brasil. Sua resposta foi negativa à participação no evento, contudo, a sua justificativa foi digna de nota:

Seria uma honra participar, mas só aceitaria se tivesse alguma reflexão minimamente original para compartilhar com vocês. Infelizmente não tenho. A situação em que estamos – e não me refiro apenas à pandemia, mas à pandemia no Brasil, durante um governo que tragicamente nega a razão e a ciência – é muito nova, é imensa, e no momento estou apenas perplexo (uma perplexidade do tipo banal, não a profunda, que poderia interessar) (SALLES, 2020, comunicação por e-mail).

Aqui, neste Dossiê, esse caráter banal da perplexidade ganha relevo. O instagram da Revista Piauí_170, criada por Salles, chama atenção para esse espírito de confusão e perplexidade em um cartum de Reinaldo Figueiredo. O post questiona e provoca o internauta com o seguinte texto: “Você está se sentindo perplexo e confuso? Tudo bem, é assim mesmo. Depois piora.” É justamente esse modo raso e desinteressante de como o negacionismo anti-científico e antiacadêmico se impôs corriqueiramente nas redes que aqui é tomado do ponto de vista acadêmico como um campo que desafia a extensão universitária.

Atuar nesse novo espaço público - nas redes sociais da internet - se impõe como um desafio ao campo da extensão na sua indissociabilidade da pesquisa e do ensino. As comunidades como campo privilegiado de atuação dos extensionistas foram aplicadas pelas comunidades virtuais. Expandir a bolha da ciência ampliando a divulgação e a difusão científica nunca foi tão necessário.

Neste último período, a própria ciência foi o alvo principal para as tentativas de desmoralização e descredenciamento dos

conhecimentos e dos quadros que atuam nas Universidades Públicas Federais. Diante do papel das instituições de ensino, qual seja o de produzir conhecimento científico, a artilharia de ódio e desinformação se ocupou de adesivar fake news nas Universidades, lhes impondo uma marca de doutrinação de esquerda a partir de narrativas falsas e que ganham impulso nas redes sociais pela gravidade das supostas informações veiculadas para, desta forma, igualar a opinião científica com a opinião vernacular.

O presente dossiê articula de forma interdisciplinar o diálogo entre os estudos em Redes Sociais na Internet, de Direitos Humanos e de Comunicação para avaliar os ataques que as Universidades Públicas Federais vêm enfrentando a partir da ascensão do discurso anticiência, tema emergente e atual para a pesquisa em Ciências Humanas, especialmente no Brasil. A opção pela clivagem de um tipo específico de rede social, qual seja a da internet, adveio da observação das mudanças do uso de certos dispositivos e mídias. O Instituto Reuters divulgou recentemente um documento bastante completo com dados e infográficos sobre a internet. No Brasil, de 2013 a 2020, o uso de aparelhos de telefone celular aumentou, passando de 23% para 76%, em face da diminuição do uso de computadores desktop, que caiu de 83% para 43%. Esses dados apontam para uma mudança no método de acesso ao mundo digital, indicando que os dispositivos móveis têm tido a predileção nas dinâmicas da recepção e emissão de informações nos tempos atuais. No mesmo documento da Reuters, foi observado que as redes sociais, enquanto fontes de notícias, sofreram um crescimento que variou de 47% para 67%. Já o jornal impresso teve queda importante, passando de 50% para 23%, indicando uma tendência irremediável de mudança no consumo de notícias na era das tecnologias digitais. Esses dados endossam a cercania que fizemos em torno das redes sociais na internet para os fins deste dossiê.

E é para a discussão deste cenário das redes sociais na internet que encontramos pesquisadores inclinados a lançar um olhar na tentativa de diagnosticar, através do cruzamento da sentimentalidade nas redes e do discurso anticientífico, algumas das perspectivas futuras para a pavimentação dos rumos do país e da educação universitária pública. O Dossiê buscou chamar a atenção de pesquisadores diversos, a partir de três eixos centrais: a) a sentimentalização da anticiência nas redes sociais na internet; b) anticiência e a rejeição dos direitos humanos; c) anticiência baseada nos discursos do ódio, fake news e outras estratégias.

O Imaginário da Era dos Dados

Peter Weibel, diretor do *Center for Art and Media*, localizado na cidade de Karlsruhe na Alemanha, foi categórico em afirmar, em 2011, que a equação para o século XXI consiste na triangulação entre mídias, dados e pessoas. A ideia superou, a afirmação feita pelo arquiteto Frank Lloyd Wright, em 1930, que indicava que a equação para o século XX estava na triangulação entre máquinas, materiais e pessoas. De fato, as mídias têm sido preponderantes na edição de seus usuários, tanto que as Ciências Humanas têm se ocupado das causas e consequências dos usos das mídias de maneira geral, e das redes sociais na internet, de maneira específica. Da mesma forma, os dados também são relevantes pois sem eles não se pode haver vida cibernética. Logo, mídias e dados têm habitado o imaginário de nossa época sem qualquer pretensão de exclusividade. E para evitar qualquer desentendimento, precisamos jogar para longe a ideia de substituição dos materiais e máquinas pelas mídias e dados. Mesmo que tenhamos certa ênfase na triangulação entre mídias, dados e pessoas, a presença de materiais e máquinas ainda é perceptível e merece menção em nossas preliminares. Assim, é mais razoável que entendamos nosso tempo

como um mix de materiais, mídias, máquinas, dados e pessoas, mesmo que o presente dossiê trate mais das questões ligadas aos dados e às mídias.

Dessa complexidade de elementos, colocamos em relevo a produção audiovisual que se apresenta como uma “nova literatura” a partir de serviços de streaming como Netflix, Amazon Prime e outros, pois eles guardam elementos que constroem e traduzem o imaginário de nossa época. Documentários, filmes e outros produtos audiovisuais têm narrado parte da trama sociocultural que tem impactado as decisões políticas do último período, incluídas as eleições presidenciais, principalmente no Brasil e nos EUA, e nos movimentos envolvendo o monitoramento e indução das opiniões dos cidadãos, realizados através das redes sociais na internet e na caixa preta do universo dos dados que nem sempre são de conhecimento da grande parte da população.

Em *Citizenfour*, documentário de 2014, a diretora Laura Poitras registra a história de Edward Snowden, que divulgou informações confidenciais da NSA revelando, a partir da comprovação de documentos, como os EUA e outras potências praticam a violação de direitos fundamentais de cidadãos de todo o mundo, inclusive dos norte-americanos, por meio da interceptação e monitoramento de mensagens pessoais efetuadas em dispositivos tecnológicos. Já o filme *Privacidade Hackeada* (2019, Original Netflix) trata do caso da empresa de análise de dados *Cambridge Analytica*, que contribuiu de maneira decisiva nas eleições presidenciais de 2016 nos EUA, que levaram Donald Trump ao poder. No filme, fica claro como a empresa efetivou um acordo com o Facebook para fins de identificação de indecisos e proliferação de fake news sobre a opositora de Trump, Hilary Clinton, nas “veias da rede” como afirma um dos representantes da *Cambridge Analytica* no filme.

O documentário *O dilema das redes* (2020, Original Netflix), em que pese seu tom alarmista e declaratório dos aspectos indi-

gestos das redes sociais, alerta para dinâmicas não tão conhecidas do público em geral. O uso de algoritmos para fins comerciais e de indução do gosto de seus usuários é um exemplo de como as redes constroem e configuram as bolhas que são criadas para cada tipo de usuário. No documentário, ficam claras as estratégias das redes em influenciar o comportamento das pessoas para um lado maligno, mas não são mencionados os benefícios que as redes podem ter. A série "You" (2018, Original Netflix), apresenta uma reflexão sobre o quão efetivas são as redes sociais para que se "encontre" e se conheça uma pessoa, revelando certa falta de privacidade quando da exposição excessiva nas redes sociais. Na série, Joe (interpretado por Penn Badgley) se apaixona por uma cliente da livraria onde trabalha e a encontra na internet a partir de algumas pistas de informação. A trama se desenvolve com terríveis desdobramentos, apontando para um lado negativo das redes sociais que também está presente na série *Black Mirror* (2011, Original Channel 4).

Outras produções audiovisuais também podem muito bem ilustrar o tema geral das redes sociais na internet, tocando nos seus desvios, e apontar para causas e efeitos que possam contribuir para a edificação de uma sociedade mais justa e democrática. Todos eles revelam aspectos que habitam o imaginário de nossa época, assim como Charlie Chaplin representou muito bem a era das máquinas e materiais com o filme *Tempos Modernos* (1936, Charlie Chaplin Film Corporation).

A Extensão Universitária e a Nova Frente dos Direitos Humanos na Era dos Dados

A Revista da UFG se caracteriza por ser um periódico do campo de produção de conhecimento extensionista. Por esse motivo, o presente dossiê criou os devidos limites para as submissões de

artigos e outros tipos de produção, considerando que o discurso anticiência das redes sociais se apresenta como um caso que pode ser abordado a partir de projetos e investidas acadêmico-científicas que estão localizados nos laços entre universidade e sociedade de uma maneira geral. Pois, o papel da extensão universitária pode muito bem contribuir com ações efetivas que separem a opinião do senso comum da opinião científica. A ocupação das redes sociais pelos quadros científicos das Universidades é uma frente de batalha extensionista nata. Em nossa casa, a recente criação da Reitoria Digital da UFG cumpre com a missão extensionista de apresentar-se enquanto fonte primária da voz institucional, relatando, informando e precipitando diálogos acerca da agenda do reitor, da vice-reitora e dos quadros da gestão superior.

É nesse sentido que entender e enfrentar o negacionismo reinante nesse já não tão novo campo de construções de narrativas e de ação social desafia a todos(as) nas Universidades a radicalmente realizar o princípio da extensão como prática cotidiana. Mais do que nunca, retornar o conhecimento produzido no interior das Universidades e impactar positivamente os diferentes e diversos segmentos da sociedade parece ser o caminho mais direto para reverter a avalanche/onda de falsas notícias contra a ciência. A extensão como “conhecimento transformado em ato” deve ter as redes sociais como um campo privilegiado da ação. A perplexidade frente aos ataques deve ser transformada em conhecimento e em ato pedagógico de informação.

Perplexos com a recorrência de um discurso anticiência nas redes sociais, nos colocamos a organizar o presente dossiê como forma de estruturar e entender como a sociedade presente nas redes sociais na internet realiza o aceite, produz e reproduz mensagens categorizadas como anticiência no Brasil. Conscientes em relação ao fenômeno das *fake news* e dos ataques à ciência, con-

sideramos que o aprofundamento da elaboração acadêmica que desenhe com cada vez mais riquezas de detalhes a estrutura e dinâmica deste novo fenômeno, deve servir de subsídio para uma estruturação reversa, que estabeleça os diques de contenção da mentira e de similares absurdos cometidos nas redes sociais, muitas vezes de maneira apócrifa e robótica.

Daí a urgência do acúmulo de capital discursivo para estimular e organizar as forças progressistas defensoras dos Direitos Humanos, sob nova frente de lutas, qual seja a dos direitos dos dados pessoais para que os mesmos não sejam comercializados ou utilizados para fins que não aqueles declaradamente aceitos pelo cidadão e pela cidadã. Outrossim, as “narrativas” falsas que têm objetivos bastante claros no cenário político, encontram espaço na era da pós-verdade, fluem com facilidade e encontram campo aberto para suas proliferações sem a devida fiscalização. Uma rede social não pode, pelo menos sob o domínio do estado de direito, acolher e deixar livre a produção e replicação daquilo que é falso e indevido perante a lei. O caso da *Cambridge Analytica* no pleito de 2016, que elegeu Trump, foi tão escandaloso que o mesmo Facebook que antes fez, no mínimo, “vistas grossas”, agora tem excluído contas falsas e tomado medidas para combater *fake news*. A disputa está aberta e as forças atuando com vigor.

Abordagens E Temáticas Presentes No Dossiê

O presente dossiê não pretende e não conseguiria esgotar as ramificações temáticas que emergem do discurso anticientífico mas, pelo menos, se constitui em uma importante e precisa contribuição para o tema em tela. Vejamos uma breve síntese do que o leitor poderá examinar nas abordagens incluídas neste dossiê. Um dos artigos analisou os ataques sofridos nas redes sociais pelo grupo de trabalho de modelagem da Covid-19 da UFG que susten-

tou as ações do governo estadual de fechamento das atividades não essenciais. Em um debate que justapõe “salvar vidas” e “preservar a economia”, os autores afirmaram emergir do neoliberalismo a sobreposição da economia sobre a vida. Nessa abordagem foram trazidos à baila os ataques à ciência, a desinformação e as *fake news*. Em alguns artigos, os autores analisaram a questão das *fake news*. Em um deles, não foram abordadas em especial as Redes Sociais na Internet, mas, sim, o atual estado e capacidade das escolas em estudar e combater as notícias falsas.

Uma das abordagens descreveu a jornada de pesquisadores em grupos de Whatsapp de vertente neopentecostal, bolsonarista e New Age, revelando padrões específicos das mensagens nesses grupos. A partir disso, os pesquisadores realizaram uma investida extensionista que apresenta diálogos e trocas de mensagens que muitas vezes são distantes das Universidades Públicas Federais, trazendo uma contribuição singular ao dossiê. Em outro artigo, os autores apresentaram de maneira inovadora, uma análise de Redes Sociais Digitais a partir da noção de “timeline discursiva de redes de narrativa”, no contexto da genealogia das narrativas de medo que ocuparam as Redes desde o início da pandemia de coronavírus. O leitor ainda terá a oportunidade de ler outras abordagens e temáticas que foram submetidas para o presente dossiê.

O projeto industrial das mídias nasce sob a missão de conectar pessoas e disponibilizar conteúdos culturais diversos no sentido de criar uma sociedade mais plural. No entanto, devido à potência das redes sociais, todos aqueles que busquem o encantamento dos usuários para fins políticos, comerciais, ou de outra ordem, vão criar estratégias para a obtenção de resultados no ciberespaço. Tudo que estiver no limite da lei e do bom senso poderia e deveria ser possível, contudo, o que o presente dossiê apresenta, está localizado na discussão dos desvios e daquilo que

ultrapassa esses limites. As *fake news* e os ataques destinados às Universidades têm sido uma prova de fogo para a ciência brasileira e internacional. As redes sociais retiraram os filtros morais e éticos das mensagens, igualando a opinião científica com a opinião de qualquer pessoa que tenha um perfil e vontade de opinar, radicalizando de tal forma a democracia e o direito ao discurso. Isso configura um paradoxo conflitante: por um lado, todos podem falar, mas por outro, nem tudo que se fala é verdade ou respeita os direitos humanos adquiridos ao longo da história.

Boa leitura!